

Editorial

Se no famoso trecho do monólogo de Riobaldo, no *Grande Sertão*, trocarmos a palavra “pessoas” por “revistas científicas”, talvez nos aproximemos de uma verdade sobre estas:

O senhor... Mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou.

Em outras palavras, podemos definir toda revista científica como, necessariamente, inacabada, em fluxo, entre os projetos que animaram seu surgimento e os percalços conquistas, críticas, autocríticas, novas ideias e reflexões, enfim, tudo aquilo que compõe a história de uma publicação.

Estas considerações vêm a calhar a propósito da efeméride do décimo ano de existência de **MATRIZES – Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo**, cujo primeiro número foi publicado no segundo semestre de 2007. Essa comemoração enseja algumas observações específicas.

Do ponto de vista quantitativo, até o momento, sem contar os dados desta edição, **MATRIZES** publicou 219 artigos e 42 resenhas, de um total de 76 autores estrangeiros e 180 nacionais, além de 15 entrevistas. Isso seria pouco ou nada se a Revista não conseguisse o reconhecimento dos pesquisadores para os quais se dirige. Felizmente, isso vem sendo cada vez mais obtido. Tivemos, assim, a satisfação de editar trabalhos de impacto, abrigar discussões e polêmicas sobre aspectos da área, introduzir autores e temáticas que vêm

construindo o campo acadêmico da comunicação não somente no Brasil, mas no mundo.

Desde o início, já com projeto bilíngue – com duas versões integrais em português e inglês do mesmo número – **MATRIZes** percebeu o caráter estratégico da internacionalização de nossa área de conhecimento e apostava firmemente na divulgação mais ampla possível da produção científica brasileira em língua inglesa. Complemento indispensável foi o lançamento (precoce à época) do suporte digital da Revista. Fomos para as bibliotecas, onde os exemplares eram distribuídos, mas também para a internet e para as redes sociais, buscando espalhar da melhor maneira a produção dos autores que editamos.

Uma série de conquistas foi alcançada ao longo do tempo: composição e ampliação de um Conselho Científico com nomes de pesquisadores nacionais e internacionais renomados, ingresso da Revista em bases de dados, obtenção do número DOI para os artigos publicados, manutenção rigorosa da periodicidade, aperfeiçoamentos nos processos de avaliação dos trabalhos, com a agregação ininterrupta de expressivos especialistas nas temáticas dos textos recebidos, permanente cuidado com a preparação textual dos artigos de cada edição, entre outras.

Embora editada por um Programa de Pós-Graduação fundador da área da Comunicação no Brasil, *et pour cause*, **MATRIZes** evitou a endogenia, bem como o sectarismo. Diferentes correntes teórico-metodológicas puderam utilizar a Revista como espaço de debate de suas ideias.

São ações e resultados como os mencionados que justificam a positiva classificação da Revista no sistema de avaliação de periódicos Qualis, com o conceito A2.

Evidentemente, a Revista é um esforço coletivo e deve reconhecer a importância do trabalho tanto dos que já passaram por sua equipe editorial quanto dos que ainda estão nela. Esse reconhecimento deve ser estendido aos autores que confiam seus trabalhos à Revista, aos membros do Conselho Científico, aos pareceristas *ad hoc* e, razão central de nossos esforços, aos leitores de **MATRIZes**. Agradecimentos especiais devem ser feitos também tanto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (PPGCOM-USP), que edita a Revista, quanto ao Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo (SIBiUSP), que, por meio do Programa de Apoio às Publicações Científicas Periódicas da USP, tem oferecido suporte indispensável à publicação.

Feitas as homenagens devidas, apresentamos agora os artigos desta edição.

O **Dossiê** da Revista é aberto pelo texto do pesquisador Patrick Charau-deau **A televisão é capaz informar?**, que faz uma reflexão sobre o potencial

desse veículo para atuar como instrumento da democracia. Charaudeau recusa a ideia de atribuir à televisão todos os males do mundo moderno e, em vez disso, defende a necessidade de compreender o funcionamento do meio, verificando o que ele pode ou não fazer, de modo a até mesmo imaginar o que a televisão seria capaz de realizar em prol de uma democracia bem informada. No texto seguinte, Tania Modleski, conhecida por sua perspectiva associada aos Estudos Culturais, apresenta um exercício de análise fílmica no artigo **Omissão histórica e repressão psíquica em *Boogie Nights* de Paul Thomas Anderson**. O que se destaca no trabalho é a articulação entre o olhar interno ao filme e a sua ancoragem social. Modleski discute como determinadas opções estilísticas e narrativas da obra indicam importantes supressões históricas a respeito da trajetória do cinema pornográfico e da sociedade dos Estados Unidos, que ela relaciona ao triunfo do melodrama e à repressão psíquica.

O meio televisivo é novamente abordado nesta edição, no artigo seguinte, **Telenovelas e a questão da feminilidade de classe**, de Veneza Mayora Ronsini. Neste trabalho, utilizando contribuições de Bourdieu, dos Estudos Culturais Latino-americanos e da Teoria Feminista, a autora procura discutir a pertinência da noção de classe social nos estudos dos usos sociais das telenovelas preocupados com a construção da feminilidade heteronormativa. Na continuidade do **Dossiê**, o foco dirige-se a dimensões teóricas ainda mais gerais dos estudos da área, explorando conceitos como o de *mediação*. Assim, Lucrécia D'Alessio Ferrara, em **A outra caixa de Pandora**, reflete sobre a possibilidade de superação da concepção linear de transmissão comunicacional, em prol de perspectivas mais sensíveis às transformações sociais contemporâneas. Já Marcio Serelle, em **A ética da mediação: aspectos da crítica da mídia em Roger Silverstone**, desenvolve uma análise sobre o conceito de mediação em Silverstone, verificando também a contribuição sobre o tema de autores como Raymond Williams, Martín-Barbero e Nick Couldry, para refletir sobre as relações dos indivíduos com a mídia e os modelos de representação instituídos por ela.

Na **Entrevista**, com o título **Laura Robinson: uma comunicóloga “brasileirista” no exterior**, Robinson discorre, para Monica Martinez, sobre suas preocupações de investigação, relacionadas com os meios digitais e, em particular, a questão dos jovens e as desigualdades informacionais, bem como sobre as possibilidades de diálogo e cooperação entre pesquisadores brasileiros e estadunidenses.

A seção **Em Pauta** da Revista é aberta pelo artigo **Harun Farocki: operador de mídias**, de Ednei de Genaro, que apresenta um estudo sobre o trabalho com imagens e palavras deste criador, tentando sistematizar aportes

fundamentais de seu *método-estilo*. O texto seguinte da seção, **Adaptação, disrupção e regulação em dispositivos midiáticos**, de Jairo Ferreira, procura apresentar hipóteses para a análise dos processos midiáticos em suas relações com os processos sociais, tendo como foco os dispositivos midiáticos, o que, conforme a proposta do autor, pode sugerir novas explorações em cenários de midiaticização.

Nos artigos seguintes da seção **Em Pauta**, Felipe Simão Pontes, em **O jornalismo no Brasil e as mediações da produção de *O segredo da pirâmide***, busca discutir o contexto histórico e social de elaboração de uma obra que tem tido repercussões na área de estudos do jornalismo. Os pesquisadores Rodrigo Carreiro e Luiza Alvim, por sua vez, no artigo **Uma questão de método: notas sobre a análise de som e música no cinema**, desenvolvem uma reflexão metodológica, baseada em pesquisa bibliográfica, sobre métodos de estudo da banda sonora em produtos audiovisuais, sugerindo estratégias analíticas aos investigadores do tema.

Duas obras são discutidas na seção **Resenhas**. No primeiro texto, **O corpo fragmentado do cinema contemporâneo**, Elenildes Dantas aborda o livro *O corpo cinematográfico*, de Steven Shaviro, no qual o cinema é visto como um *medium* vivido que provoca reações corpóreas na audiência. Por fim, em **Análise de redes sociais on-line: um guia para iniciação teórica e prática**, Ana Lúcia Nunes de Sousa apresenta aspectos da obra *Análise de redes para mídia social*, de Raquel Recuero, Marco Bastos e Gabriela Zago, destacando a proposta de guia metodológico, simples e acessível, da publicação, que pode ajudar os interessados nessa estratégia de pesquisa.

Desejamos a todos uma proveitosa leitura, e que os dez anos iniciais da Revista sejam seguidos por muitos outros, de desafios e conquistas. ■

Maria Immacolata Vassallo de Lopes

Richard Romancini

Sandra Reimão

Paulo Nassar